

Apostilas epigráficas – 6

* Centro de Estudos de
Arqueologia, Artes e
Ciências do Património
Faculdade de Letras
da Universidade de
Coimbra.
jde@fl.uc.pt

José d'Encarnação*

Resumo «Apostilas epigráficas» é uma série que procura, de tempos a tempos, debruçar-se de novo sobre estudos que carecem, no entender do autor, de algum esclarecimento ou informação complementar.

Neste 6.º artigo da série, começa por corrigir deficiências registadas no anterior texto; dá conta de uma nova interpretação de *IRCP 121*; mostra o perigo que envolve a tentativa de identificar com elementos vegetais reais o que, na epígrafe, pode deter apenas um carácter simbólico e não de representação realística; e procura refletir sobre o significado da ocorrência de um mesmo gentílico (no caso, *Sentius*) em diversos contextos e, de modo especial, dos antropónimos patentes nas marcas de fabrico.

Abstract Epigraphic apostils is a series in which, from time to time, we try to get a new look over past studies, and to give complementary information.

In this 6th paper of the series, erroneous details of the last article published in this journal are corrected. A new interpretation of the term *vicarius* (*IRCP 121*) is provided. The author demonstrates that it is very dangerous to identify with a real plant the vegetal elements present in a Roman epigraphic monument, because frequently this representation has only a symbolic sense. Finally, we analyse thoroughly what is the real meaning of the same Roman *nomen* written in different types of inscriptions, and specifically, of potters names: are they members of the same family?

1. «Os Romanos de Castro Verde»

Diversas imprecisões deixei passar no anterior texto aqui publicado (Encarnação, 2016a) e que ora procurarei corrigir, designadamente por sugestão do Dr. Manuel Maia, responsável pelo Museu da Lucerna de Castro Verde e o melhor conhecedor da Arqueologia da região.

Em primeiro lugar, houve um lapso: «Não existe no concelho de Castro Verde nenhuma povoação chamada Figueira; o topónimo é Figueirinha e fica a poucos km do Guerreiro, pertencendo ambas as povoações à freguesia de S. Marcos da Ataboeira», esclareceu Manuel Maia.

O segundo: falei genericamente em Idade do Ferro; ora as referidas estelas epigrafadas com a chamada «escrita do Sudoeste» são da I e não da II Idade do Ferro e o século V a.C. é o fim da I Idade do Ferro.

Dos materiais não epigráficos que aduzi para mostrar a importância da região logo nos primórdios da Época Romana, o *aes grave* mereceu especial atenção do maior especialista peninsular neste tipo de numisma, o Dr. David Martínez Chico, que se comprometeu a preparar para este número de *Revista Portuguesa de Arqueologia* um artigo em que faz o ponto da situação acerca da importância desses raros numismas habitualmente relacionáveis com a II Guerra Púnica.

Quanto aos objetos de ouro, tive eco imediato de que certamente fariam parte de uma coleção muito badalada na Comunicação Social, a propósito da falência de um banco português, coleção por todos considerada falsa. Nenhum argumento real (análises metalográficas, análise tipológica, indicações de tipo epigráfico...) me foi apresentado a provar essa classificação; contudo, Manuel Maia, em mensagem por correio eletrónico que teve a amabilidade de me enviar a 4 de agosto de 2016, aduziu o seguinte, que é de ser tido em consideração:

«Li num suplemento do *Diário de Notícias* que as pegadas, de ouro, tinham sido “achadas” no Castelo do Guerreiro, em Castro Verde. Como conheço o sítio, que é um habitat da I Idade do Ferro, achei estranho que tivessem sido recolhidas, ali, várias máscaras do tipo da de Agamémnon que, como sabes, é do Bronze Inicial [...]. «Mesmo assim» — a estranheza levava-o de imediato a presumir da falsidade —

«resolvi ir ao local e comigo foram mais dois arqueólogos: uma portuguesa que está a terminar o doutoramento sobre os castelos romanos e um italiano que também está cá em Portugal a fazer um doutoramento sobre campaniense. Pudemos verificar que, no monumento, não se nota o mais pequeno revolvimento de terras, vestígios que, mesmo ao fim de décadas, continuam visíveis».

Eu conhecia com algum pormenor o que se dizia acerca da possível falsidade das peças e a menção que lhes fiz no artigo constituiu, fundamentalmente, uma provocação, embora, na verdade, continue a afigurar-se-me estranho que se haja optado por usar ouro de lei para produzir objetos que, autênticos, só interessam, em princípio, a colecionadores e a museus. Garantem-me que foram feitas análises que comprovaram a antiguidade; garantem-me que as peças foram achadas ocasionalmente, quase à superfície, ou seja, não resultaram de escavação programada que pudesse deixar vestígio no solo; garantem-me que estavam em muito mau estado de conservação e que, por isso, foram posteriormente objeto de bem cuidada limpeza e reparação. Garanto eu — e penso estar na razão — que o eventual falsificador não teria os conhecimentos históricos que hoje possuímos acerca da grande importância desta região do Sudoeste alentejano, nem mesmo em termos de mineração, para querer situar por ali o seu achamento.

Quanto à hipótese de localização de *Arandis* em Santa Bárbara de Padrões, que atribuí fundamentalmente a João Pedro Bernardes, cujo artigo citei, adverte-me Manuel Maia que tal ideia poderia ter sido haurida na *Carta Arqueológica de Cachopo*, que ele, sua mulher e «mais uns colaboradores fizemos e foi publicada em 2000. Aí é tratado o *Iter XXII* e se descreve o seu percurso até *Arannis*, que identificamos com Santa Bárbara de Padrões. Devo dizer que com esse trabalho calcorreámos já todo o percurso de Ossónoba a *Arannis*».

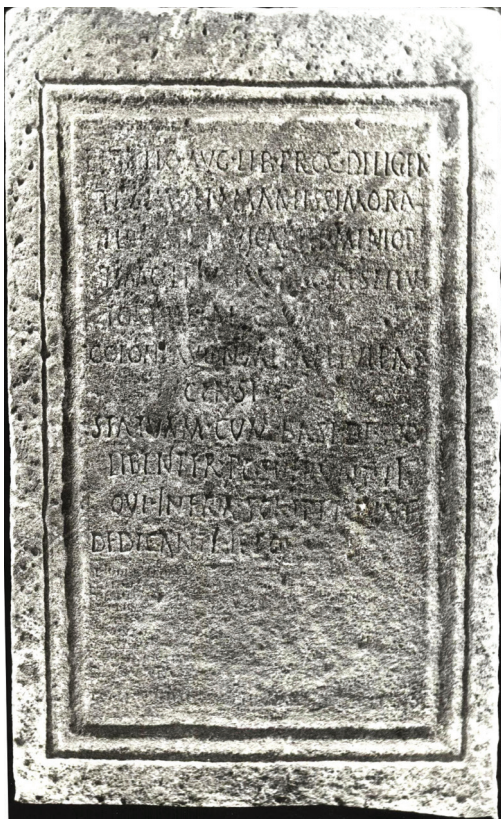
Fica o esclarecimento dado.

2. IRCP 121 – as funções de *Beryllus*

Oferece esta epígrafe, como se vê (Fig. 1), dificuldades de leitura, motivadas pelo mau estado da superfície epigrafada.

Logo em relação ao nome do *procurator*

Fig. 1 – IRCP 121 –
Pedestal em honra de
Beryllus. Foto de Gui-
lherme Cardoso.



havia dúvidas. Eu sugeri a leitura *Beryllus*, que tem sido aceite. A Berilo se tecem, na epígrafe, os mais rasgados elogios (*diligentissimus, amantissimus, homo optimus e iustissimus*), podendo, inclusive, ter-lhe sido, a dado momento, atribuída a função de reorganizar o funcionamento das minas de *Vipasca*, uma vez que recebeu o título de *restitutor metallorum*. A homenagem foi prestada por um conjunto de membros da comunidade mineira «qui infra scripti sunt»), mas cujos nomes as intempéries a que a superfície epigrafada esteve exposta acabou por delir.

Juan Lewis, no âmbito da preparação do seu PhD in Classics and Ancient History at the University of Edinburgh, solicitou-me, a 27 de outubro de 2010, uma boa fotografia do monumento, com vista à sua oportuna revisão. O tema que Juan Lewis aborda é o significado e as funções do *vicarius*, aduzindo, para isso, elementos quer dos textos clássicos e da legislação romana quer também epígrafes. E uma das epígrafes em que a palavra *vicarius* tem sido lida é precisamente essa, de *Vipasca*. Atendendo à investigação feita acerca das inúmeras menções de *vicarii* nos mais diversos contextos, Juan Lewis discute, nas pp. 65

a 71 do capítulo 1.º da tese (que, em pdf, me enviou), a impossibilidade de se ler *vicarius* na l. 3 e propõe, em contrapartida, *vic(es) ag(ens)*:

The inscription is too damaged to make any rendering conclusive. But the traces of the letters that have suffered less indicate that *vic(es) ag(enti)* is not only a possible reading, but also a fairly likely one (p. 68).

E observa:

Domergue's explanation of the context in which *Beryllus*' statue was erected strengthens this new reading even more. He argued that the barely readable name on line 21 was *Gn. Claudius (Severus) (PIR² C 1024)*, consul in AD 173. A year before that date, Moorish tribes entered the south of the Iberian Peninsula and caused severe damage to the mines. The event would explain *Beryllus*' other title, *restitutor metallorum* (restorer of the mines), clearly visible on lines 4 and 5 (p. 69).

Na verdade,

by the time *Beryllus* was in charge of restoring the mines, therefore, *vices agens* and *vicarius* were not used interchangeably.

Por conseguinte,

Beryllus' job title, the historical context in which he was sent to *Vipasca*, the syntax of the dedication text, and the parallels in the epigraphic record, all lead us to conclude that he was performing the tasks of absent officials, and was therefore not identified with the title *vicarius*,

inclusive porque

no evidence has come down to us in which free individuals were styling themselves as *vicarii* (p. 71)

só a escravos era dado esse título, afirma Lewis.

Este é, de facto, o maior contributo que Juan Lewis traz à compreensão desta notável epígrafe.

3. A decoração de um capitel (da Quinta de Marim?)

Ao observar a estranha decoração de um capitel romano guardado no Museu de Faro (Fig. 2) e tendo em conta que se regista na epigrafia do sul da Lusitânia uma relação estreita com o norte de África, procurei identificar na Natureza o que poderia equiparar-se ao que na pedra se observava (2006). Nem sempre, como se sabe, este procedimento é correto, porque — além de uma representação poder ter um carácter simbólico e não querer o seu artífice retratar uma realidade determinada (uma árvore é uma árvore...) — em Epigrafia, pela estilização que amiúde se observa é deveras aleatório garantir de que tipo de planta se trata. Diferente é, por exemplo, o que acontece nos mosaicos e, em recente trabalho que fizemos para a RTP sobre a *villa* de Milreu, tivemos ocasião de ver um pescador a explicar, um a um, qual era o peixe que estava representado ali.

Em relação à decoração do referido capitel, passara eu na Serra de Sintra na altura em que preparava o seu estudo e pareceu-me encontrar algo de semelhante: as folhas novas de um feto; usei, até, escrevê-lo: «identifiés comme les 'jeunes' feuilles de la fougère (*Pteridium aquilinum*, L.) (Encarnação, 2006, p. 1941).

Penso agora que fui ousado de mais. Primeiro, porque tentei logo forjar uma argumentação passível de ser convincente:

Il est vrai que la fougère n'est pas tellement fréquente à l'Algarve (du moins, en l'actualité); mais sa qualité de *semper viridis* aura beaucoup frappé les romains. Et cet endroit paisible, économiquement favorable, la mer riche en poissons et coquillages... pourrait très bien leur signifier une agréable oasis retrouvée!...

Depois, porque, na verdade, o feto viceja abundantemente em Sintra, mas não será assim tão frequente quer no Algarve quer no norte de África, para ser motivo de inspiração de um lapicida...



Fig. 2 – Capitel de ara, com decoração vegetalista.

Seja-me, porém, permitido ousar de novo, porque o feto carece de humidade e a palmeira ajusta-se muito mais ao clima mediterrânico, tanto do Algarve como no norte de África. Ora, como a imagem documenta (Fig. 3), não poderia haver semelhança maior entre o que se vê no capitel e as folhas jovens de uma palmeira, a *cycas revoluta*, conhecida como cica ou sagu do jardim. «Das mais de 90 espécies que integram o género *Cycas*, só a *C. revoluta*, de origem japonesa, é vulgar em Portugal, talvez por ser a que melhor se adapta a climas temperados (a maioria das outras são de

Fig. 3 – Folhas novas de palmeira (*Cycas revoluta*). Foto do autor com arranjo gráfico de José Luís Madeira.



regiões tropicais da África, Ásia ou Oceânia)» — explicou-me o Eng.º Eugénio Sequeira. Se o canteiro se inspirou na planta real será sempre difícil garanti-lo; contudo, o simbolismo de ‘eternidade’ e de ‘renovação’ — tanto no caso do feto como no da palmeira — pode ser tido em consideração. Com maior verosimilhança, confesso, no caso da cica, na surpreendente beleza das suas folhas viçosamente verdes, a desenrolarem-se lentamente...

Sirva-nos, pois, o exemplo para, no caso da decoração vegetalista, não se insistir demasiado nas semelhanças com plantas reais. Veja-se, a título de exemplo, que durante muito tempo se falou em folhas de palmeira para um tipo de decoração a que hoje se prefere dar o nome de teixo (cfr. De Francisco & González, 2004).

4. A Valeria de Tongobriga e a gens Sentia

Tive, em 2016, ocasião de voltar a debruçar-me sobre o significado da ara dedicada por *Valerius Paternus* à *dea sancta Fortuna*, na cidade romana de Tongobriga (Encarnação, 2016b).

Ora, no catálogo da exposição que nesse ano ali se inaugurou (Lima, 2016, p. 100), vem a imagem de uma pedra de anel, com entalhe de vidro azul, onde pode ler-se, invertida — para sinete — a palavra VALERIAE, «de Valéria» (Fig. 4). Seria a forma com que essa matrona autenticaria

meados do século II. E ocorre, por isso, perguntar: serão ambos da mesma família? Aliás, *Valerius Paternus* foi, como se sabe, um notável oleiro de Mérida (Mayet, 1970): estaremos perante a mesma pessoa? Claro que não: é mero caso de homonímia!

A identidade de gentílios, embora torne plausível um laço de parentesco pelo achamento no mesmo contexto arqueológico, raramente pode ser garantida, como, nos nossos dias, nem todos os Ribeiros, mesmo que morando na mesma rua, são obrigatoriamente da família. E se trago aqui este exemplo é justamente para chamar a atenção para afirmações desse teor que amiúde se lêem e que, na verdade, não podem nunca serem encaradas senão em termos de hipótese. Se, no caso dos homens, houver, por exemplo, identidade de *praenomen* — dois *Caii Valerii* no mesmo aglomerado populacional, ainda que em epígrafes diferentes — o risco de errar é, porém, menor e a hipótese de parentesco ganha maior consistência; mas só nessa circunstância. A não ser, claro está, que a relação de parentesco venha expressa na epígrafe ou se no mesmo texto o gentílico se repita para identificar pessoas diferentes.

Não obstante essa — que tenho por mui oportuna — reflexão, não resisto a infringi-la no que concerne à *gens Sentia*. E explico porquê. Publicámos, em 2006, o epitáfio de uma *Sentia Laurilla* achado em Alter do Chão (*Abelterium*) (António & Encarnação, 2006), uma indígena recém-romanizada, digamos assim, porque o nome do pai era *Tanginus* e, na epígrafe, vinha colocado após o *cognomen* da filha, sintoma de que ainda se não conhecia bem o sistema identificativo romano; contudo, o epitáfio fora mandado gravar, em virtude do seu testamento, por dois herdeiros, que se identificam com o gentílico da defunta (serão, mui provavelmente seus libertos) e têm como cognomes antropónimos pouco frequentes no mundo romano: *Sentius Sadala Sentia Repentina heredes ex testamento f(aciendum) c(uraverunt)*¹.

Já no texto de 2006 assinalámos a existência de uma elegante estela da vizinha cidade romana de Ammaia em memória de *G. Sentius Capito* (*HEpOL*, n.º de registo 23 452). Ora, também em Mérida, esse gentílico se regista, por sinal numa das epígrafes mais curiosas da cidade, porquanto ostenta em baixo-relevo uma... taberneira! É o marido, *Sentius Victor*, que manda lavrar o monumento *uxori carissimae, Sentia Ama-*

Fig. 4 – Pedra de anel de Tongobriga com a inscrição VALERIAE. Foto de Jorge Araújo / EAF-DRCN.



¹Curiosamente, o nome Sadala (masculino) não é raro no Brasil; mais um testemunho do interesse que naquele país se manifesta pela adopção de nomes retirados da Antiguidade Clássica.

a documentação que se lhe afigurasse verdadeiramente importante. Afigura-se passível de ser datada da 1.ª metade do século I da nossa era e foi achada nas termas, contexto donde também proveio o altar de *Valerius Paternus*, cuja datação parece, porém, poder ser mais tardia, de

rantis de seu nome, que faleceu aos 45 anos (HEpOI, n.º de registo 24 235). Também aqui estamos em presença de libertos, na medida em que ambos apresentam o mesmo gentílico; podia um ser liberto do outro ou, o mais natural, libertos ambos da mesma família. Todavia, não podemos deixar em branco a ternura que perpassa do epitáfio não apenas por se ter querido, de certo modo, retratar a defunta, mas também pelo superlativo utilizado — *carissima* — a que acresce o facto de se anotar — certamente com orgulho e mágoa — os (apenas) 17 anos de vida conjugal: «cun cua vix(it) ann(os) XVII» (ressalvem-se os erros ortográficos...)². Merecerá ainda reflexão o *cognomen* de *Sentia*: em HEpOL, o título da ficha é «Epitáfio de la tabernera Sentia Amarantis»; contudo, *Amarantis* deve, seguramente, entender-se como um genitivo, que só se compreende recorrendo à etimologia grega³; ou seja, houve uma latinização do adjetivo ἀμάραντος, que tem o bonito significado de «ímperecível», «ímarcescível», comparado à flor, o amaranto. Dir-se-á, ainda, que o gentílico vem em abreviatura, por facilmente se reconhecer⁴.

Se consultarmos a base de dados < <http://www.manfredclauss.de/gb/> >, verificaremos serem cerca de 400 os testemunhos deste gentílico, cuja distribuição geográfica abarca, de facto, todo o Império. Ao falar sobre este nome com Marjeta Sasel Kos, de Liubliana, a minha colega teve a gentileza de me enviar as fotos, que a título de curiosidade reproduzo (Fig. 5), de um pedestal dedicado à divindade *Belenus*, em Celje, que se integrava na província romana do *Noricum*, por *L(ucius) Sentius Forensis*⁵.

Que conclusões se poderão tirar, por conseguinte, de uma pesquisa deste género: que os membros desta família se espalharam por todo o Império? Que pertenceram a um escol, uma vez que encontramos alguns a exercer altos cargos nas magistraturas municipais, e não só, ou atendendo a que significativa percentagem dos testemunhos se referem a libertos? A resposta é negativa a todas essas questões, por serem gerais; podem, no entanto, pôr-se localmente e, no caso donde partimos, a epígrafe de *Abelterium*, o testemunho da vizinha *Ammaia* e os testemunhos de *Emerita* não enjeitam — antes pelo contrário! — a possibilidade de terem existido laços de parentesco entre os indivíduos documentados, dada a proximidade geográfica e o relacionamento fácil que se terá gerado entre estas três cidades.



Fig. 5 – Pedestal dedicado a *Belenus* por *L. Sentius Forensis*. Foto de Marjeta Šašel Kos.



Fig. 6 – Marca anfórica do oleiro *L. Arvenius Rusticus*. Foto de Guilherme Cardoso.

5. O oleiro *Arvenius*

Esta reflexão leva-nos a uma outra, porque, no centro oleiro romano de Morraçal da Ajuda, em Peniche, mui considerável número de ânforas apresenta em cartela o nome do oleiro que as fabricou: *L. Arvenius Rusticus* (Fig. 6).

Torna-se evidente que foi o contexto arqueológico que decisivamente contribuiu para datar o período de funcionamento da olaria de finais do século I a.C. – inícios do século I d.C. a finais do século I d.C. – inícios do século II d.C. (Cardoso & Rodrigues, 2005, p. 88); contudo, surgiu a natural curiosidade de conhecer algo mais sobre este *Arvenius*, inclusive por ter um gentílico não usual. Os citados autores aventaram a hipótese de se tratar de alguém com raízes itálicas. Rodrigo Banha da Silva (2013, p. 117), ao invés, escreve, a esse propósito, o seguinte:

Porventura uma origem do personagem na vizinha *Baetica* seja mais provável, dada a alta concentração epigráfica desse *nomen* nesta província, conquanto se mantenha a raiz itálica por estes *Arvenii* se tratarem [sic] de descendentes de indivíduos ali radicados em finais da República, o que justificaria a própria tipologia dos contentores anfóricos produzidos na olaria de Peniche, com afinidades evidentes com as produções daquela região.

A consulta à base de dados epigráficos da Hispânia — < <http://eda-bea.es/> > — não revelou a existência, até ao momento, de nenhum *Arvenius* documentado nas epígrafes romanas

²Nunca será de mais ressaltar este aspeto: a ternura conjugal que se verifica nos epitáfios dos libertos, como Georges Fabre sobejamente demonstrou e que também na documentação epigráfica do *conventus Pacensis* é bem visível (Fabre, 1981, pp. 191–195; *IRCP*, pp. 771–772).

³Encontramos em Roma uma *Maria Amarantis* (CIL VI 22 222) e mais dois casos se registam, referindo-se, um deles, a um homem. Fonte: < <http://www.manfredclauss.de/gb/> >.

⁴No *Atlas* citado na bibliografia registam-se 6 exemplos deste *nomen* e todos em Mérida.

⁵Aproveito o ensejo para sublinhar que Manfred Hainzmann, que prepara com Patrícia de Bernardo Stempel o *corpus* dos teónimos pré-romanos desta província, me informou, no X Workshop F.E.R.C.AN (Lisboa, 20-10-2016), que *Belenus* é outra forma de grafar *Belinos*, uma dessas divindades pré-romanas ali veneradas.

Fig. 7 – Fíbula de Aucissa com marca *Durnacus*. Foto de Guilherme Cardoso.



peninsulares. Banha da Silva ter-se-á baseado certamente em estudos de cerâmica e essa é uma primeira conclusão a tirar desde já: importa que, doravante, também a onomástica patente nos achados cerâmicos seja contemplada nos estudos onomásticos. Claro, se se der por certa a proveniência africana ou gálica de determinado oleiro, o seu nome não poderá ser tido em consideração para efeitos de estudos demográficos baseados na antroponímia hispânica; mas deverão ser incluídos, obviamente, nos estudos referentes a essas províncias.

Para testar a ocorrência do *nomen Arvenius* na documentação epigráfica — que não, repito, na documentação cerâmica, a que não acedi — consultei a base de dados, que estamos a considerar a mais completa, < <http://www.manfredclauss.de/gb/> >. Assim, em Asolo (CIL V 2096, EDCS-04201151), na província romana de *Venetia et Histria*, faz-se menção a dois libertos de uma *gens Arvenia*: *Arvenia Cutela* e *Arvenius Donatus*. Ainda na mesma província e da mesma *Regio X*, mas de Aquileia, por decreto dos decurções é cedido um local para sepultura de mais de uma dezena de pessoas, dentre as quais constam *Arvenius Primigenius* e *Arvenia Vitalis*.

Temos, porém, informações múltiplas, colhidas nos textos literários, acerca de um povo da *Gallia Aquitanica*, segundo uns, ou do SE da Gália, segundo outros: os *Arveni*⁶. O mais célebre desses *Arveni* foi, sem dúvida, Vercingetórix; e, em CIL

XIII 1706, recorda-se, de Lyon, um outro arverno, *C. Servilius Martianus*, que, pelos finais do século I ou princípios do II d.C., foi *sacerdos ad templum Romae et Augustorum Tres Provinciae Galliae*. Por conseguinte, a documentação epigráfica — sem termos em conta os repositórios cerâmicos — quase nos levariam a sugerir, como hipótese a demonstrar, que *Arvenius* fosse um gentilício relacionável com os Arvernos, e, por conseguinte, com a Gália.

Quanto ao seu *cognomen*, *Rusticus*, nenhuma novidade a apontar, a não ser que se trata de nome etimologicamente latino, muito frequente (cerca de mil testemunhos documentados até agora).

E já que falamos de um *cognomen*, sendo certo que, amiúde, são os antropónimos classificados nesta categoria que identificam os fabricantes de objetos de uso comum — o que, em Epigrafia, se costuma designar de *instrumentum* — não será despidendo aproveitar o ensejo para referir outro achado também de Peniche: uma fíbula de bronze do tipo Aucissa, que apresenta a marca do fabricante: *Durnacus* (Fig. 7).

Trata-se de um produtor conhecido, porque dele se guardam em museus do norte de África cerca de 30 exemplares, o que «sugere a existência, nesta província [a Mauritània Tingitânia], de uma oficina» de que era ele o provável proprietário (Ponte, 1973, p. 25). E, aqui, a questão é, como se imagina, ligeiramente diferente, partindo do princípio de que não haveria, então, o que hoje é vulgar em relação às grandes marcas: a contrafação! Vamos, pois, considerar que todas as fíbulas assim marcadas foram produzidas na mesma oficina — e este é um dado que interessa, de modo especial, à história económica; do ponto de vista epigráfico propriamente dito, se assim podemos falar, iríamos tentar saber algo acerca desse antropónimo: etimologia, distribuição...

HEpOL dá notícia de sete testemunhos de fíbulas deste fabricante, dois da zona de Toledo e cinco de procedência desconhecida (foram recuperadas no mercado de antiguidades) e remete, no registo n.º 28 488, para o artigo de Xaverio Ballester e Max Turiel (2007), que trata fundamentalmente de quatro delas, do qual em HEp 16, 2010, 608 se faz a síntese. Em comentário, Alicia Canto recorda o que Joaquín Gómez-Pantoja escrevera em HEp 5, 1995, 307: «Estas fíbulas parecen proceder del *Illyricum*, según su distribución de hallazgos». Acrescenta que, na altura, se conheciam mais três na

⁶Na RE (Band II, 2, 1896, s. v. 'Arveni'), são aduzidos testemunhos sobre os factos relacionados com este povo ao longo da História.

região de Múrcia e uma última em Fonte Velha (Bensafrim, Lagos). E acrescenta Alicia Canto: «El nombre es galo y, fuera de en fíbulas, es allí donde se documenta, en las Galias belga y aquitana».

Estes comentários acabam por nos mostrar como se avança na investigação, nem sempre em linha reta, como seria de supor. Na verdade, ao estudar-se em pormenor a fíbula de Morraçal da Ajuda (Mata, 2009), escreve-se expressamente (pp. 190–191):

O presente exemplar é uma fíbula marcada por *Dvrnacvs*, variante Ponte 42.d/1a, cuja localização da sua oficina é motivo de controvérsia entre os autores que escreveram sobre este artífice. Para Feugère (1985) esta situar-se-ia na actual Croácia, no que é secundado por Marović (2006), enquanto Boube explica a existência de um número avultado destas fíbulas, em Marrocos “... como importação dos legionários da *Cohors V Dalmatarum*” (apud Ponte, 2006, pp. 368–389). Este facto verifica-se de forma repetitiva em antigos acampamentos do exército romano, o que leva a atribuir-lhe um carácter exclusivamente militar, com uma diacronia bem definida, e compatível com a panóplia do uniforme militar. Salette da Ponte (2006, p. 360) indica como período de utilização um espaço diacrónico compreendido entre meados do século I d. C. e inícios do século II d. C.⁷

Para a questão que nos ocupa, ou seja, essa relação entre a antroponímia e a sociedade, predominantemente em termos demográficos (se nos é permitido o uso deste termo aqui), seguiríamos a pista sugerida por Alicia Canto acerca da ocorrência deste antropónimo sem ser em fíbulas mas em epígrafes ou noutros contextos.

Assim, teve António Marques de Faria a gentileza, que agradeço, de me referir que Georges Depeyrot, no texto «Les noms sur les monnaies gauloises» (version mars 2016), disponível em Academia.edu sob o título «Les noms des “chefs” Gaulois, César et les monnaies», ao falar das moedas atribuídas aos ‘Allobroges’, cita, sob os números 285 a 292 (pp. 170–171), denários de prata, que têm no anverso um busto e as legendas DVRN, DVRNACVS,

DVRNACOS e DVRNACO, datáveis de 61 a 43 a.C. Identificar-se-ia assim, por conseguinte, um chefe militar gaulês, que tivera capacidade para cunhar moeda.

Durnacus não vem, no entanto, referido em Kajanto como *cognomen*, nem há aí *cognomen* ‘aparentado’. Na base de dados <http://www.manfredclaus.de/gb/>, não foram tidos em consideração os testemunhos que atrás se citaram de *HEp* 5 e 16; referem-se dois de *HEp* 11, 2005: n.ºs 576 (de Ocaña, Toledo) e 579 (de Toledo); cita-se mais um achado, de Cercadillo, hoje no Museu de Guadalajara, dado a conhecer por Emílio Gamo (2012, pp. 101–102); e vem a notícia de apenas uma inscrição, de Bordéus (CIL XIII 726): um *Durnacus*, que faleceu com 70 anos. Ou seja, se tal conclusão nos é permitida, *Durnacus* também surge — pelo menos, uma vez, até ao momento — para identificar alguém, que, à partida, não parece ter sido fabricante de fíbulas, atendendo à extrema simplicidade do seu epitáfio, sem dedicante. Mas, repita-se, um testemunho só. Nos dicionários, de aproximável só a referência, feita por Tito Lívio (43, 30) a *Durnium*, cidade da Ilíria.

Conclusão

A tentativa de sabermos até que ponto poderia ser significativa do ponto de vista histórico a ‘presença’ de uma *gens Sentia* em três cidades lusitanas próximas — *Abelterium*, *Ammaia* e *Emerita* — levou-nos a interrogarmo-nos se estaríamos perante um núcleo familiar único que ali se estabelecera e ganhara influência político-económica. Acabámos por verificar que este *nomen* não se documentava noutras regiões da Península, o que mais nos convenceu de que se tratava mesmo de um núcleo restrito. Quisemos, por isso, saber se outros *Sentii* se documentavam epigraficamente no mundo romano. Verificámos que sim e que, dada a sua abundância, nenhuma conclusão daí se poderia tirar. Aliás, a questão pusera-se, antes, em relação à ocorrência de um *Valerius Paternus* e de uma *Valeria* na cidade de *Tongobriga* e, de propósito, nem sequer aludimos à hipótese de esse *Paternus* ser o oleiro — seguramente o mais documentado da Hispânia — por nos parecer uma dúvida inteiramente despropositada. Contudo, essa questão como que nos

⁷Para não sobrecarregar a bibliografia e como se trata de um aspeto um tanto secundário ao que nos ocupa, permita-se-me que omita as referências bibliográficas citadas nesta transcrição, que poderão facilmente ser completadas no referido artigo.

terá ficado no subconsciente, porque a marca *L. Arvenius Rusticus*, de Morraçal da Ajuda, era, mais não fosse pela inusitada quantidade de marcas encontradas e nem todas elas grafadas do mesmo modo, aliciante: quem poderia ter sido esse *Arvenius*? Que outros testemunhos haveria deste, à primeira vista, estranho *nomen*? A pesquisa levada a efeito — assim como a subsequente, agora em relação a um nome único, *Durnacus* — levaram-nas ambas à mesma conclusão: a antroponímia pode lançar pistas; a distribuição de um antropónimo pode sugerir hipóteses demográficas e, até, através da análise etimológica, possíveis relacionamentos com estratos linguísticos do mundo romano e pré-romano; mas... certezas nem relativas, quanto mais absolutas, não podem garantir-se.

Uma outra conclusão se poderá apontar: a necessidade de, em termos de estudos epigráficos, nomeadamente no que à antroponímia diz respeito, se proporcionar um maior contacto entre quem investiga, por exemplo, cerâmica e quem se dedica à investigação com base nos monumentos epigráficos ‘tradicionais’ (monumentos votivos, funerários, honoríficos...). A secção a que se tem dado o nome de *instrumentum* deve merecer, doravante, maior atenção, pesem, embora, as cautelas a ter por se tratar de domínios, apesar de tudo, diferentes. Observámos que, em *HEp*, já se começou a incluir — nomeadamente no caso de *Durnacus* — essoutro tipo de documentação. Será, em meu entender, uma via a seguir.

Cascais, 21-10-2016

Bibliografia citada

- ANTÓNIO, Jorge; ENCARNAÇÃO, J. d' (2006) – Epitáfio de *Sentia Laurilla*, de Alter do Chão (*Conventus Pacensis*). *Ficheiro Epigráfico*. 81, inscrição n.º 362.
- Atlas* = NAVARRO CABALLERO, Milagros; RAMÍREZ SÁDABA, José Luis, eds. (2003) – *Atlas antroponímico de la Lusitania romana*. Mérida: Fundación de Estudios Romanos; Bordeaux: Ausonius.
- BALLESTER, Xaverio; TURIÉL, Max (2007) – Fíbulas con posible andrónimo céltico Durnacos-Durnacus. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Latinas*. 8, pp. 43–47.
- CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino (2005) – Olaria romana do Morraçal da Ajuda (Peniche – Portugal). In *Actas do Congresso A presença romana na Região Oeste, 2001*. Bombarral: Câmara Municipal, pp. 81–102.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (2006) – La persistance esthétique africaine dans la décoration des monuments épigraphiques romains de l'Algarve. In *L'Africa Romana 16. XVI Convegno Internazionale di Studi su L'Africa romana (Rabat, 15–19 dicembre 2004)*. Roma: Carocci, pp. 1939–1944 < <http://hdl.handle.net/10316/22780> >.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (2016a) – Os Romanos de Castro Verde (*Conventus Pacensis, Lusitania*). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 19, pp. 195–210 < <http://hdl.handle.net/10316/31736> >.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (2016b) – Pensar a vida. In LIMA, António Manuel, ed. – *Mudar de vida* [Catálogo da exposição permanente da cidade romana de Tongobriga]. Porto: Direção Regional da Cultura, pp. 122–125 < <http://hdl.handle.net/10316/31780> >.
- FABRE, Georges (1981) – *Libertus: recherches sur les rapports patron-affranchi à la fin de la république romaine*. Roma: École Française de Rome.
- FRANCISCO MARTÍN, Julián de; GONZÁLEZ HERRERO, Marta (2004) – «*Taxus bacata*». *Conimbriga*. 43, pp. 191–198.
- GAMO PAZOS, Emilio (2012) – Novedades epigráficas en la provincia de Guadalajara. *Conimbriga*. 51, pp. 93–118.
- HEp* = *Hispania Epigraphica*. Madrid.
- HEpOL* = *Hispania Epigraphica on Line*, Universidade Complutense, Madrid. Acessível em: < <http://eda-bea.es/> >.
- IRCP* = ENCARNAÇÃO, José d' (1984) – *Inscrições romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra: Universidade < <http://hdl.handle.net/10316/578> >.
- KAJANTO, Iiro (1965) – *The Latin cognomina*. Helsinki: Societas Scientiarum Fennica.

LEWIS, Juan P. (2013) – *What's a vicarius?... Or how "true meaning" can mislead you: development and typology of subowned slavery in Rome (212 BC – AD 235)*. Edinburgh (PhD thesis).

LIMA, António Manuel, ed. – *Mudar de vida* [catálogo da exposição permanente da cidade romana de *Tongobriga*]. Porto: Direção Regional da Cultura.

MATA, Ana Leonor; FONSECA, Inês T. E.; MENDONÇA, Maria Helena; GUILHERME, Ana; CARVALHO, Maria Luísa; SEPÚLVEDA, Eurico de (2009) – Caracterização de peças metálicas do espólio da olaria romana dos fornos do Morraçal da Ajuda (Peniche). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12:1, pp. 189–196.

MAYET, Françoise (1970) – À propos de deux potiers de Mérida: Valerius Paternus et Lapillius (problèmes de méthode). *Mélanges de la Casa de Velázquez*. 6:1, pp. 5–41.

PONTE, Salete da (1973) – Fíbulas pré-romanas e romanas de Conímbriga. *Conimbriga*. 12, pp. 159–197.

RE = *Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft* (vulgarmente designada *Pauly-Wissowa*, 1893–1980).

SILVA, Rodrigo Banha da (2013) – *As «marcas de oleiro» na terra sigillata e a circulação dos vasos na península de Lisboa*. Lisboa (acessível em academia.edu).